

Diário de uma guerrilheira - partes I e II por Assia Djebar, 1959¹

Assia Djebar

Assia Djebar é o pseudônimo literário de Fatema Zohra Imalayène (Cherchell, Argélia, 1936 – Paris, 6 de fevereiro de 2015), foi uma escritora argelina de língua francesa. Autora de romances, novelas, poesia, ensaios, teatro e argumentos de cinema. A sua obra tem por temas centrais a emancipação feminina, a História e a Argélia através das suas línguas e culturas. Essa escritora é considerada uma das mais influentes personalidades da cultura do Magrebe.

Reçu em: 10 nov. 2022. **Apprové** em: 14 nov. 2022.

Como citar esta tradução:

DJEBAR, A. Diário de uma guerrilheira – Partes I e II por Assia Djebar, 1959. Traduzido por: PERROTTI, Bruna. SILVA, Maria Rennally Soares da. *Revista Letras Raras*, v. 11, p. 286-293, nov. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8103383>

Nota de tradução: das dificuldades e (im)possibilidades

As colunas aqui traduzidas foram publicadas no contexto da Guerra de Independência da Argélia no jornal oficial da Frente de Libertação Nacional, o *El Moudjahid*. O caráter imediato que a imprensa estabelece com seus leitores, a urgência da informação e da intervenção, em um contexto muito específico, muito iminente, causa a aquele que traduz uma dificuldade de acessibilidade que talvez não ocorresse em uma obra escrita para durar. Os leitores deste periódico revolucionário estavam a par do cotidiano da guerra, das edições anteriores. Episódios, nomes, locais dados como conhecidos causam a princípio um estranhamento que lembra ao leitor que ele não é mais que um observador longínquo do processo. A proposta de Frantz Fanon, um dos coordenadores do jornal, de pôr em prática uma literatura combativa, se estendia ao campo linguístico: se apropriar da língua francesa era não apenas um ato de resistência, mas uma arma de guerra, o francês funcionava como ponte para o mundo. E em um contexto de formação da identidade nacional essa resistência era marcada nas palavras, várias delas oriundas das línguas

¹ Traduzido por: Bruna Perrotti e Maria Rennally Soares da Silva. Bruna Perrotti é Historiadora (bacharela e licenciada) e Mestranda em História pela Universidade Estadual de Campinas, (UNICAMP). Endereço eletrônico: bruuperrotti@gmail.com. / Maria Rennally Soares da Silva é Professora substituta da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Endereço eletrônico: rennally.fr@hotmail.com.

berberes permeiam o texto. Optamos por manter algumas dessas palavras na língua original para evitar possíveis equívocos. A coluna, que foi escrita por Assia Djebar, preserva a intenção polifônica característica das obras da autora. Djebar traz as vozes dos testemunhos que colheu durante a guerra, em um campo de refugiados, na fronteira da Tunísia e da Argélia, dando ênfase às experiências das mulheres guerrilheiras.

Diário de uma Maquisarde² – Parte I (número 44)

A ação na cidade

Quando a Revolução eclodiu, em novembro de 1954, eu tinha 15 anos. Eu morava em Argel, no bairro Belcourt, e acabara de sair da escola após ter passado pelas provas do Certificado de Estudos.

No começo do ano de 1955, eu fui contatada por um irmão, em seguida eu ingressei em uma célula onde eu era a única mulher. Desde o início, eu exprimia o desejo de ir ao maquis onde eu sabia que meninas como eu serviam já ao lado de seus irmãos, à nossa Revolução. Mas me responderam que eu ainda era muito nova. Eu ainda tinha que esperar.

Enfim, no ano de 1956, um irmão me avisou que eu devia entrar em contato com um outro irmão da Casbah: eles precisavam de mim, na verdade, para transportar armas entre Belcourt, Kouba e a Casbah. Eu me lembrava sempre com emoção do primeiro dia em que enfim eu pude me sentir útil: eu coloquei, feliz, os revólveres por debaixo da roupa e do meu cinto. Eu me disse então que várias meninas como eu, em todo o país, faziam os mesmos gestos e combatiam ainda por uma Argélia livre.

Eu me ocupava desses transportes de armas durante todo o ano. Já aconteceu de eu fazer quatro ou cinco viagens por dia. A sorte me protegia sempre. Uma única vez, eu fui revistada pelos paraquedistas, mas dessa vez, por sorte, eu não tinha nada comigo além de medicamentos. Eu não perdi meu sangue-frio e, como a farmácia de onde eu sai não era longe da casa onde eu

² Maquisards, no masculino e Maquisardes, no feminino, é ainda um terceiro termo utilizado para se referir aos combatentes, é difícil encontrar para ele um equivalente em português, portanto, optamos por manter o original, ele se origina, entretanto, da palavra *maquis* (que também optamos por manter o original) que se refere aos acampamentos e formações militares situados nas montanhas, é portanto, um pouco mais específico para se referir a uma categoria de combatente: àqueles que se uniram aos *maquis* nas montanhas.

morei, – eu disse que essas compras eram destinadas à minha família e, então, eles me deixaram seguir.

No fim do ano 1956, os paraquedistas vieram à minha casa me prender. Eles prenderam também duas outras meninas e dois irmãos do Clos-Salembier. Nós rapidamente nos separamos.. Eu fui levada a um campo de paraquedistas no Sidi Ferruch.

Me colocaram em uma tenda e todas as manhãs os paraquedistas vinham me interrogar. Durante o interrogatório, eles me batiam com as coronhas das armas, alguns me insultavam grosseiramente ou cuspiam em mim. Isso durou dois meses. Eu dizia sempre que não sabia de nada. Ao fim, esses tratamentos tinham comprometido gravemente minha saúde, me enviaram ao hospital Beni-Messous de onde finalmente me liberaram.

Ao maquis enfim!

Assim que liberada, eu recebi enfim a autorização de servir ao maquis. Eu fui efetivada na Willaya³ 4, zona 2, sob a direção de Si M'Halamed. Eu servi lá por treze meses. Em regra geral, eu era a única mulher a seguir um grupo de 25 *moudjahidines*⁴, mas na mesma zona, havia três outras meninas, e em toda a Willaya nós éramos 14 meninas entre 15 e 20 anos. Dez entre nós éramos enfermeiras diplomadas. Nossos chefes julgavam útil organizar algumas vezes encontros com todas as combatentes⁵ de Willaya.

Lembro-me que o que mais chamou minha atenção à minha chegada ao maquis, foi a ordem e a disciplina que reinava por lá. Foi a moral extraordinária de nossas populações. As

³ *Willaya* não encontra equivalente em português, mas era o termo utilizado para se referir aos departamentos militares do Exército de Libertação Nacional durante a guerra, havia seis no total e eles gozavam de relativa autonomia. A divisão foi elaborada na Conferência de Soumann, em 1956.

⁴ Ao longo do texto, são utilizados termos diferentes para se referir aos combatentes, em alguns casos como no presente desta nota mantivemos a expressão para não distorcer o sentido. *Moudjahidines* no feminino e *Moudjahid* no masculino ambos vêm do termo árabe *Jihad*, que significa guerra santa, uma tradução possível para esses termos poderia ser Guerreiro Sagrado ou Guerreira Sagrada, entretanto, as expressões originais eram utilizadas naquele contexto de maneira coloquial, assim, a tradução parece atribuir ao termo uma formalidade ou religiosidade um pouco excessivas.

⁵ Combatentes é um termo um pouco mais neutro para se referir aos que lutaram na guerra de libertação, e portanto, frequentemente é o termo que a historiografia adota, entretanto, como é possível observar nos testemunhos, utilizava-se os termos *moudjahid* e *combattant* praticamente como sinônimos, sendo o caráter mais religioso do primeiro termo em relação ao segundo não necessariamente um fator determinante para o contexto. Em todas as passagens em que ele aparece optamos por traduzir para o termo *combatente* em português que lhe é equivalente.

mulheres em particular são admiráveis⁶. São elas que permaneciam nos *douars*⁷, sozinhas com as crianças e os idosos, os homens vinham servir entre nossas tropas, quando estávamos em um local onde o exército francês era visto. Depois, ao fim dos combates, quando o inimigo partia, eram elas que nos acolhiam com um sorriso, entretanto nós sabíamos que algumas haviam acabado de sofrer os piores traumas; torturas, estupro. Eu nunca as ouvia se queixarem. Ao contrário, ainda que elas tenham suportado mais que nós, são elas que nos encorajam, e que nos abençoam. Eu as vi muito frequentemente enterrar seus mortos: seus esposos, seus filhos, e a cada vez, elas repetiam as palavras: “*Nós não choraremos mais por eles. Porque chorar se eles foram mortos pela pátria, eles morreram da maneira mais bela e gloriosa.*”

A devoção de nossas mulheres...

Ninguém poderia medir, creio eu, com exatidão qual o grau da devoção delas. Mas todos os nossos combatentes poderiam atestá-lo. Elas nunca recuaram diante de um perigo. Elas sempre responderam prontamente ao nosso chamado: elas enfrentaram a morte a mesma quantidade de vezes que nós ou mesmo mais. Durante os confrontos onde nós éramos obrigadas a permanecer horas ou mesmo todo o dia diante do inimigo, eram sempre elas que arriscavam a vida para nos fornecer informações úteis. Muitas foram mortas assim, por tiros de obuses do exército francês. Foram elas que não importando as circunstâncias, nos traziam o que comer e beber. Enfim, muitas foram mortas no combate. Outras, como os homens, enquanto faziam a vigia por nós.

Algumas entre elas, frequentemente meninas jovens, porque essas estão mais em contato conosco, partilham de nossas responsabilidades. Na verdade, elas servem de transportadoras dos medicamentos que nós não queríamos transportar em grandes quantidades. Essas jovens atendiam a qualquer hora o menor dos nossos chamados para nos trazer medicamentos necessários. Já chegaram a fazer vários quilômetros a pé e têm mil recursos para enganar o

⁶ Na frase: “Foi a moral extraordinária de nossas populações. As mulheres em particular são admiráveis.” É possível observar que os tempos verbais não necessariamente concordam de uma sentença para a próxima, neste caso específico isso ocorre no texto original e optou-se por manter na tradução. Em outros casos, entretanto, o tempo verbal das falas foi alterado na tradução para melhor se adequar ao que seria o português falado, essas pequenas ausências de concordância se explicam pelo vínculo do gênero textual do testemunho com a oralidade.

⁷ *Douars* é o termo utilizado para se referir a vilas e vilarejos no Magrebe, também pode ser lido como uma divisão administrativa, as vilas podem ou não ser móveis, e geralmente são compostas por uma aglomeração de tendas.

inimigo. Algumas, por exemplo, dissimulam os medicamentos nas jarras de água vazias que elas carregam em suas cabeças.

Nossas heroínas...

Depois de treze meses passados na Willaya 4, eu parti para a Wilaya 3 com duas outras meninas. Lá nós devíamos pôr em prática nossa formação de enfermeiras para nos fazer úteis.

A Willaya 3 guarda recordações de uma argelina notável, Malika, jovem enfermeira diplomada de 18 anos, que combateu com armas à mão até seu último suspiro para defender seus feridos: as circunstâncias de sua morte heroica nos foram contadas no primeiro dia de nossa chegada, pelo coronel Amirouche.

Nós estávamos todos reunidos em uma *dachra*⁸. Entre as jovens do *douar* havia uma que parecia uma jovem enfermeira da Wilaya 4: Naima, a mais nova das meninas, que havia sido morta em combate durante um confronto. Nós que tínhamos conhecido Naima, suspiramos de tristeza e falamos sobre ela. Eu me lembro que uma mulher no *douar*, ouvindo a gente, começou a chorar. Amirouche se levantou, se aproximou da mulher e perguntou: **"Por que estás chorando?"** Ela respondeu que tivera apenas uma filha, e que essa morreria nos dois últimos dias atuando como agente de ligação entre nossas tropas. Amirouche se virou então para todas as mulheres no *douar* e disse: *"Todas vocês se lembram de Malika. Ela também é uma argelina, também morreu cumprindo seu dever, como sua filha"* e acrescentou na direção da mãe: *"Malika também era a única filha de seus pais. Sua filha, Malika, e milhares de outras mulheres morreram como heroínas, por uma Argélia livre, para que todas as argelinas possam ser livres"*.

"Sim, respondeu a mãe, eu choro por minha filha, mas choro também por Malika...". As outras mulheres procuraram então consolar a mãe, disseram-lhe: "Não devemos chorar pelo contrário". Nós não nos conhecíamos, não conhecíamos Malika: então perguntamos a Amirouche sobre ela.

Malika...

⁸ Com certeza de origem berbere, não encontrei nada que pudesse me auxiliar na tradução deste termo, mantenho, portanto, o original.

Amirouche nos contou então que Malika e uma outra jovem enfermeira eram responsáveis pela guarda de uma enfermaria instalada nas cavernas. Um dia, as tropas francesas invadiram a enfermaria e imediatamente abriram fogo contra as duas jovens e os feridos. Malika, muito prontamente, pegou uma metralhadora e, saindo da enfermaria, começou a atirar. Ela não parou até que seus dois cartuchos acabassem. Sozinha e sem munição, ela sucumbiu.

À história de Amirouche seguiu-se um longo silêncio. Desde então, quando fazíamos a vigília assim, rodeados de jovens mulheres de um *douar*, evocávamos incansavelmente a morte de Malika.

Na frente de Amirouche naquela noite, todas nós, mulheres, juramos morrer como Malika, ou viver em nosso país livre.

Desde aquele dia, algumas de nossas companheiras morreram da maneira que desejavam. Continuo com minhas irmãs e meus irmãos, a lutar, fiel pelo mesmo ideal.

Diário de uma Maquisarde – Parte II (número 45)

Nós ficamos com a parte mais bela

Vou agora falar sobre nossa vida cotidiana de luta. Desta vida que é a minha já há 2 anos e que eu amo. Claro, é uma vida de guerra, mas eu aprendi há muito tempo que existem dois tipos de guerra: aquela em que se mata, se estupra, se assassina e se tem medo quando finalmente é preciso nos apresentar diante do perigo: e uma outra, aquela que exalta e enobrece, aquela que nos demanda a cada dia o melhor de nós mesmas, aquela em que lutamos como homens, e não como bestas, patriotas ou heróis. É essa que é a **nossa** guerra. E é por isso que tantos Argelinos, mortos nas prisões, sob tortura, nos maquis, sob tiros, morreram em triunfo: eles sabiam que nós tínhamos a parte mais bela.

Essa guerra me ensinou muito sobre dedicação, sobre a coragem do nosso povo, creio que a experiência que ela me proporcionou é insubstituível. Entre as memórias que guardarei mais tarde, haverá dois tipos: as da própria guerra, os confrontos que assisti, ou mesmo em que lutei, os cercos que tínhamos que quebrar - as mortes heroicas e serenas de alguns de nossos irmãos; e as memórias pacíficas: os doentes tratados pelo médico, os combatentes ajudando como faria uma irmã, os civis, mulheres, os idosos e as crianças, ensinando e aprendendo uns com os outros. E, acima de tudo, está nossa fé que será sempre a mesma e jamais apenas uma memória.

Um combate de seis dias...

Eu rapidamente me familiarizei com os incidentes da luta. No primeiro dia de minha chegada ao maquis ocorreu uma emboscada dirigida por Si Lakdar contra os Goumiers, que tiveram 300 mortos, e todas as suas armas foram recuperadas. A partir daí, continuamos nossa marcha: 3 dias depois, fomos avistados pelo inimigo que nos cercou na região de Hammam-El-Ouane. Nossos líderes eram o Comandante Si Lakdar, o Coronel Si Mhamed e Si Azzedine. O combate durou seis dias inteiros: foi um dos mais difíceis que já vi. Nossas tropas contavam com um comando de 300 combatentes mais uma seção que havia estabelecido sua junção conosco um dia antes do ataque. O inimigo colocou em ação contra nós 23 aviões que bombardeavam implacavelmente. O número de mortos chegou a 250 entre o inimigo, para 22 argelinos. Conseguimos abater 4 aviões.

Durante este confronto, éramos cinco mulheres, cinco enfermeiras: Myriem, Baya, Mimi, Fatima e eu durante estes seis dias de luta. Cada uma com uma sacola de remédios, ficávamos na floresta ajudando o doutor Si Mahmoud... De vez em quando, ao longo desses dias, um dos irmãos vinha nos dizer o nome dos feridos, e dos mortos. A maioria dos feridos, com o pouco tratamento que receberam, se punham a lutar novamente. Foi assim que vi um *moudjahid* gravemente ferido no braço e no peito continuar com admirável determinação a atirar com o outro braço das 8h da manhã às 16h, quando um avião inimigo o abateu. Ainda ouço seu grito quando morria: "Viva a Argélia livre!". Um outro combatente, Si Larói de Michelet, morreu no meu colo, depois de ser trazido gravemente ferido. Sua agonia durou meia hora; o tempo todo, ele manteve sua lucidez total e não parava de falar em uma voz calma e baixa. Ele dizia que não se arrependia de morrer, que a Argélia em breve viveria livre. Ele repetia: "Minha irmã, cuide-se. Você terá a chance de viver em breve em nosso país livre. Quanto a mim, eu morro em paz, feliz". Ele deu seu último suspiro depois de dizer: "Só me arrependo de uma coisa: gostaria de ter visto minha mãe de novo." Essa memória é uma das mais emocionantes que tenho.

Ainda assim mantivemo-nos reunidos

Após essa luta, cada uma das meninas retomou seu lugar em seu setor. Mas houve outro momento em que vários *maquisards* da Wilaya IV foram reunidos. Foi em uma grande reunião que nossos líderes, no verão de 1957, decidiram se aproximar de Blida, El-Djarali. Lá estavam todos os altos funcionários; os emissários do setor, dois médicos, Si Mahmoud e Di Mahfoud, todas as enfermeiras e, finalmente, nós, meninas, que éramos mais de dez. A reunião duraria 3 dias. No quinto dia, o inimigo apareceu ao meio-dia para nos cercar. O combate durou das 13h às 15h. Eu estava com outra garota dentro da formação e vi Si lakdar bem perto de mim hastear a bandeira da Argélia, e então, assim que o inimigo estava à vista, dar o sinal de combate. Tivemos 5 mortos e 3 feridos, contra os 45 mortos no exército francês. Vimos o inimigo à distância queimar seus mortos. Tivemos ainda tempo de nos dispersar antes que os aviões chegassem. Mantivemo-nos reunidos ainda por três dias quase sem comida porque estávamos em uma zona proibida onde o inimigo, de acordo com sua tática, havia criado um vazio completo queimando e matando.